



"ANTES" E "DEPOIS": O USO DE IMAGENS DE PACIENTES NA ÁREA DA SAÚDE E AS CIRURGIAS PLÁSTICAS NO *FACEBOOK*

Camila Silveira Cavalheiro³ – UFRGS

Fabíola Rohden⁴ – UFRGS

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a produção e circulação das imagens de “antes” e “depois”, que buscam ilustrar e enfatizar mudanças ocorridas nos corpos após procedimentos estéticos, perda de peso e/ou ganho de massa muscular. O presente estudo se insere no projeto intitulado “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas”, que visa refletir sobre as transformações corporais em contextos onde a procura por procedimentos representa sobretudo uma busca pelo aprimoramento de si, com ênfase nos contornos corporais e na performance física. Para tanto, considera-se fundamental observar as interações e produção de discursos públicos em torno de tecnologias biomédicas tidas como inovadoras. No que se refere à metodologia, este trabalho tem como foco discursos sobre cirurgias plásticas, estabelecidos e veiculados entre usuários/as reunidos/as em 77 grupos da temática, na rede social *Facebook*. Almeja-se: a) compreender o campo das cirurgias plásticas no Brasil, a partir das expectativas e experiências dos/as pacientes; b) mapear os grupos que abordam a temática, na rede social *Facebook*; c) investigar o fenômeno do “antes” e “depois”; e d) mapear as controvérsias em torno do uso das imagens de “antes” e “depois” na área da saúde. A inserção nos grupos se deu em setembro de 2020 e os dados foram coletados até junho de 2021. Após acompanhamento das publicações e comentários, chegou-se a um conjunto de categorias mobilizadas e a identificação das temáticas centrais debatidas pelos/as usuários/as. Busca-se explorar não só o caráter controverso do uso das imagens de “antes” e “depois”, que remetem à produção de normativas estritas e excludentes no que se refere aos padrões corporais almejados; mas também procura-se por em cena as instabilidades envolvidas no processo de exposição dessas imagens, especialmente nas redes sociais.

Palavras-chave: Antes e depois. Aprimoramento de si. Cirurgias plásticas. Facebook.

Abstract: This work aims to investigate the production and circulation of “before” and “after” images, which seek to illustrate and emphasize changes that occur in bodies after aesthetic procedures, weight loss and/or muscle mass gain. The present study is part of the project entitled “New forms of knowledge circulation and access to biomedical technologies: contemporary scenarios for bodily and subjective transformations”, which aims to reflect on bodily transformations in contexts where the search for procedures represents above all a search for the self-improvement, with emphasis on body contours and physical performance. Therefore, it is essential to observe the interactions and production of public discourses around biomedical technologies considered to be innovative. Regarding the methodology, this work focuses on discourses about plastic surgery, established and broadcast among users gathered in 77 groups on the subject, on the social network Facebook. The aim is: a) to understand the field of plastic surgery in Brazil, based on the expectations and experiences of patients; b) map the groups that address the theme, on the social network Facebook; c) investigate the phenomenon of “before” and “after”; and d) mapping the controversies surrounding the use of “before” and “after” images in the health area. The insertion in the groups took place in September 2020 and the data were collected until June 2021. After monitoring the publications and comments, a set of mobilized categories was reached and the identification of the central themes debated by the users. It seeks to explore not only the controversial nature of the use of “before” and “after” images, which refer to the production of strict and

³Graduanda em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), camila.silcavalheiro@gmail.com.

⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fabiola.rohden@gmail.com.



excluding regulations regarding the desired body standards; but it also seeks to bring into play the instabilities involved in the process of exposing these images, especially on social networks.

Keywords: Before and after. Self-improvement. Plastic surgery. Facebook.

1. Introdução

De um lado, o corpo marcado pelos excessos – de pele, gordura, celulite, marcas. Do outro, curvas acentuadas, contornos definidos e tonificados. De forma genérica, esta é a maneira que, visualmente, somos apresentadas às imagens de “antes” e “depois” (Figura I). Estas imagens circulam em diversos espaços, estampando a divulgação de produtos e serviços de estética, mas também são publicizados pelas próprias mulheres, que narram publicamente as mudanças ocorridas em seus corpos. Explicitam a alteração dos contornos corporais produzidos através da manipulação do tecido ou inserção de materiais exógenos, como as próteses de silicone e o *botox*, por exemplo. Buscam, sobretudo, ilustrar e enfatizar mudanças ocorridas nos corpos após procedimentos estéticos, perda de peso e/ou ganho de massa muscular.

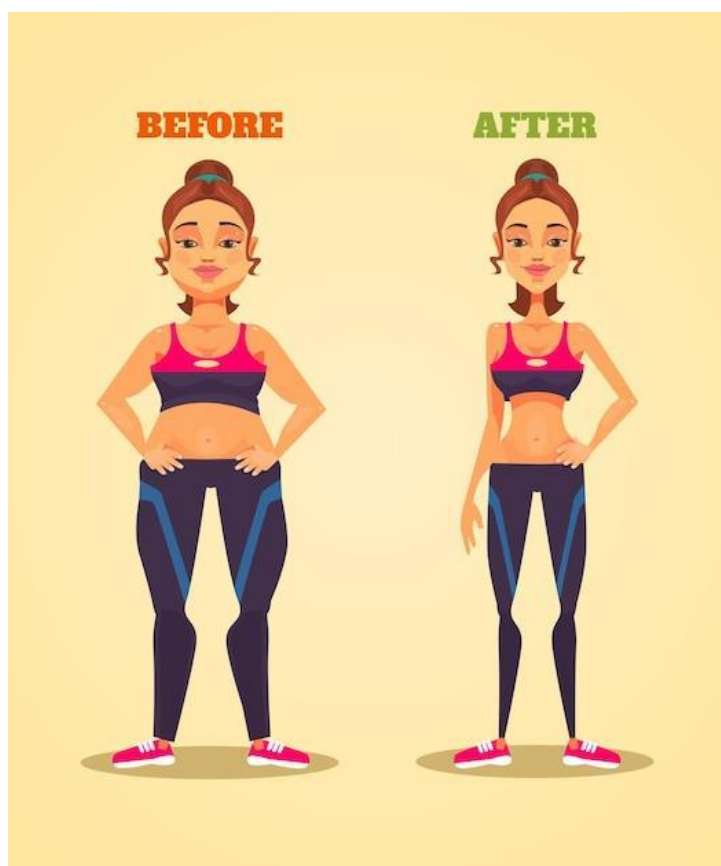
Os dados aqui apresentados são um excerto dos resultados vinculados ao projeto “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas” (CNPQ 2020-2021). Visa refletir sobre as transformações corporais em contextos onde a procura por procedimentos representa sobretudo uma busca pelo aprimoramento de si, com ênfase nos contornos corporais e na performance física. Para tanto, considera-se fundamental observar as interações e produção de discursos públicos em torno de tecnologias biomédicas tidas como inovadoras. Nesse contexto, estamos interessadas em investigar a produção e circulação das imagens de “antes” e “depois”, sobretudo a partir das referências feitas nas redes sociais acerca das diferentes interações entre pacientes e especialistas.

Ao longo de dez meses, estivemos inseridas em 77 grupos no *Facebook*, cuja temática central são as cirurgias plásticas. Após acompanhamento das publicações e comentários, chegamos a um conjunto de categorias mobilizadas e a identificação das temáticas centrais debatidas pelos/as usuários/as. Estávamos interessadas em compreender a centralidade ocupada pelas imagens nas narrativas públicas de transformação e mapear quais as principais categorias acionadas pelas mulheres que integram e compõem esses espaços. Por que o interesse pelas imagens e pelo “antes” e “depois”? Em primeiro lugar, temos a impressão de que, no caso das cirurgias plásticas, não existe testemunho sem imagens, tamanha é a centralidade ocupada por elas. Em segundo lugar, essa dicotomia - o “antes” e o “depois” - pode parecer simples à



primeira vista, mas se expande em várias direções. Como se dá a escolha da imagem que representa o “antes”? A fotografia é tirada horas antes da cirurgia ou em outro momento, no qual a paciente está com seu maior peso, por exemplo? O que compõe o “antes”, somente o registro fotográfico dos contornos corporais? Quais são as expectativas da paciente? O que define o “depois”? Pós-operatório imediato, no bloco cirúrgico? Ou meses de pós-operatório, quando as marcas da cirurgia (hematomas, inchaço e cicatrizes) já não são mais visíveis? Essas são algumas das questões que mobilizaram as excursões em campo.

Figura I – Ilustração “Antes” (*before*) e “Depois” (*after*)



Fonte: Freepik

A partir do trabalho de campo, tínhamos como objetivos: a) Compreender o campo das cirurgias plásticas no Brasil, a partir das expectativas e experiências dos/as pacientes; b) Mapear os grupos que abordam a temática, na rede social *Facebook*; c) Investigar o fenômeno do “antes” e “depois” e a centralidade ocupada pelas imagens nestas narrativas; e d) Mapear as controvérsias em torno do uso das imagens de “antes” e “depois” na área da saúde. Na presente ocasião, pretendemos apresentar alguns dos resultados relativos ao último deles. O texto está



organizado em três sessões. Na primeira, apresentamos o campo e um breve panorama dos grupos. Em seguida, buscamos contextualizar os aspectos éticos relativos ao uso de imagens no campo da área médica. Na terceira sessão, apresentamos as maneiras pelas quais estas imagens circulam nos grupos, nos encaminhando para as considerações finais.

2. O campo

As redes sociais não atuam somente como ferramentas de comunicação, integram cada vez mais a vida dos indivíduos e possibilitam a criação de redes que não seriam possíveis em outros espaços. Neste contexto, entende-se as redes sociais como integrantes da realidade cotidiana, peças essenciais nas análises desenvolvidas (Hine, 2015; Miller, 2012). Visando dar conta do uso crescente das redes sociais e da internet, busca-se enfatizar as alterações significativas que este uso vem trazendo às formas de interação entre produtores/as de conhecimento e tecnologias biomédicas de intervenção. As novas formas de comunicação, a internet e as redes sociais possibilitam que informações, antes restritas a pequenas bolhas, possam circular em novos espaços. Neste contexto, os grupos que aglutinam usuárias, com interesses em uma temática comum, e se tornam um ambiente profícuo para troca de informações e discussão de novas técnicas e tecnologias, por exemplo.

O *Facebook* é uma das redes sociais que possibilita essa interação e tem se mostrado um espaço privilegiado de interação. Em setembro de 2020, realizamos uma busca no *Facebook* a partir dos termos “cirurgia plástica” e “prótese de silicone”. Dentre as centenas de resultados, selecionamos 77 grupos. Utilizou-se como critério de seleção o grupo ter como tema central cirurgias plásticas, sem levar em conta especificidades como tipo de cirurgia (cirurgias reparadoras após bariátrica, abdominoplastia, prótese de silicone, lipoaspiração), intuito (dúvidas, indicações de serviços, troca de experiência, processos coletivos, “vaquinha”) ou tipo de grupo (organizado por médicos, clínicas, hospitais ou secretárias; grupo de usuárias, etc.). Os grupos foram acompanhados até julho de 2021. São em maioria privados, ou seja, os/as usuários/as podem encontrá-los através de uma busca simples, mas só conseguem acessar o conteúdo após ter sua solicitação de ingresso aprovada por um administrador ou moderador. Os menores grupos possuem apenas algumas centenas de usuárias - 298, 527 e 540, por exemplo. Já os maiores, possuem milhares: 167,8 mil, 197,6 mil e 322,8 mil. 40% dos grupos (31 dos 77) possuem entre 10 e 50 mil participantes.



A partir de percepções iniciais, é possível apontar algumas características gerais sobre as usuárias. É possível encontrar publicações realizadas por adolescentes, por volta dos 15 anos, até mulheres mais maduras, que estão realizando o “sonho” das suas vidas durante a aposentadoria. A presença de homens é menos frequente, participam em maior número nos grupos sobre cirurgia bariátrica, nos quais são aceitos com mais facilidade. O poder aquisitivo das participantes varia. É comum se referirem às cirurgias como um “investimento”, uma situação para a qual se abdica de muitas coisas (compras, roupas, viagens, alimentação, filhos, etc.). Com certa frequência surgem publicações nas quais as cirurgias são pagas com valores obtidos através de rescisões contratuais, vaquinhas e/ou apoio do/a companheiro/a, demonstrando as dificuldades em acessar o(s) procedimento(s). Apesar de cada grupo possuir uma dinâmica própria, todos versam sobre uma temática comum e, neste sentido, é possível apontar algumas semelhanças quanto ao conteúdo. Publicações com imagens de “antes” e “depois” recebem maior interação, quando em comparação com as demais. As imagens são veiculadas em publicações e através de comentários, quando solicitados resultados “reais” ou indicações de médicos. Relatos de pós-cirúrgico e recuperação também são apreciados e promovem a troca de experiência entre as usuárias.

Ao longo do período em que estivemos imersas nos grupos, observamos que estes podiam ser arranjados de maneira a enfatizar algumas rupturas e continuidades. Propomos a existência de uma tipologia, organizando os grupos em: a) grupos de usuárias; b) grupos de cirurgias plásticas, clínicas e hospitais; e c) grupos de outros profissionais (fisioterapeutas especializados em pós operatório, massagistas que trabalham com massoterapia e drenagem linfática, advogados, venda de acessórios para pós operatório, consórcios, etc.). Os grupos de usuárias são a maioria - 55 dos 77 grupos. 15 dos grupos foram criados por cirurgias plásticas, clínicas e hospitais, administrados em sua maioria por secretárias. O conteúdo destes grupos não é muito diferente dos demais, mas trazem à tona uma questão central: de acordo com o Conselho Federal de Medicina (CFM), o médico não pode circular imagens das suas pacientes. O compartilhamento de imagens dos/as pacientes é uma questão ética para a área da saúde: através dos Códigos de Ética e Resoluções, as entidades representativas de cada categoria norteiam os usos possíveis destas imagens. Na próxima sessão, vejamos como as entidades da medicina, odontologia, enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, nutrição, psicologia, educação física e biomedicina se manifestam.

3. As imagens na saúde



Podemos sistematizar o posicionamento das entidades em três grupos (Quadro I). O primeiro deles é composto pelo posicionamento da psicologia e a educação física, que não mencionam explicitamente o uso de imagens nos seus códigos de ética ou resoluções, mas reforçam a necessidade de respeitar o sigilo profissional. A psicologia, a partir do Art. 9º da Resolução CFP N° 010/05, afirma que é dever do psicólogo “respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional” (CFP, 2005, p. 13). A educação física, por sua vez, no Art. 6º, inciso XIII da Resolução CONFEF nº 307/2015, afirma é responsabilidade e dever no profissional de educação física “guardar sigilo sobre fato ou informação de que tiver conhecimento em decorrência do exercício da profissão” (CONFEF, 2015, p. 3). Nesse sentido, apesar de não citarem explicitamente o uso de imagens, infere-se que a circulação das imagens dos/as pacientes é vetada a partir do sigilo e da confidencialidade exigidas pelos profissionais.

As demais áreas – medicina, odontologia, enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, nutrição e biomedicina – se organizam de duas formas. A primeira é ocupada pela medicina. O Conselho Federal de Medicina (CFM), a partir da Resolução CFM 1.974/2011, Art. 3º, veta ao médico expor a figura de sua paciente como forma de divulgar técnica, método ou resultado de tratamento, ainda que com autorização expressa. A ressalva fica por conta do uso dessa exposição para fins científicos em congressos e eventos médicos (Art. 10), o que depende de autorização expressa da paciente. Ou seja, as fotos de “antes” e “depois”, abordadas no art. 13, §3º da resolução, podem ser utilizadas nesses casos. Existem diversas razões pelas quais o CFM optou por proibir a publicação das fotos de “antes” e “depois”, entre elas, a valorização da conduta ética no exercício da medicina, uma tentativa de evitar a autopromoção e o sensacionalismo (Art. 9º), induzindo a promessas de resultados que não necessariamente podem ser alcançados. Cita-se também a preservação dos profissionais em caso de possíveis processos por uso de imagem e danos.

Quadro I

Proibição total	Permitido em algumas situações	Não há menção no Código de Ética
Medicina	Odontologia Enfermagem Fisioterapia Terapia ocupacional	Psicologia Educação Física



	Fonoaudiologia Nutrição Biomedicina	
--	---	--

Fonte: Elaborado pelas autoras

O segundo grupo é ocupado pelo posicionamento das demais áreas, que permitem a circulação de imagens em algumas situações, desde que com a autorização expressa do/a paciente ou responsável. A nutrição, por exemplo, autoriza o uso das imagens desde que não registre o corpo do/a paciente ou do/a profissional (Resolução CFN nº 599). A circulação é vetada, entretanto, quando estas visam atribuir “resultados a produtos, equipamentos, técnicas, protocolos” (Art. 58, CFN, 2018, p. 13). A biomedicina autoriza, desde que as imagens sejam acompanhadas da seguinte legenda: “Esta imagem não representa, em hipótese alguma, garantia de resultado. Cada ser humano tem características anatômicas e fisiológicas únicas” (Art. 10, inciso IV da Resolução CFBM nº 330, 2020, p. 8). A odontologia, a partir da Resolução CFO-196, autoriza a “divulgação de imagens relativas ao diagnóstico e à conclusão dos tratamentos odontológicos quando realizada por cirurgião-dentista responsável pela execução do procedimento” (Art. 2, CFO, 2019, p. 2), mas veta o “o uso de expressões escritas ou faladas que possam caracterizar o sensacionalismo, a autopromoção, a concorrência desleal, a mercantilização da Odontologia ou a promessa de resultado” (Art. 2, CFO, 2019, p. 2). De maneira mais geral, os códigos de ética e resoluções da medicina, biomedicina e odontologia (Resolução CFO-118/2012) são os únicos a citar explicitamente as imagens de “antes” e “depois”. Quanto ao uso destas imagens em redes sociais e *selfies*, está presente nos posicionamentos da medicina, biomedicina, fonoaudiologia (Resolução CFFa nº 490/2016) e odontologia. Todas as disciplinas autorizam o uso em publicações científicas, desde que com a autorização expressa do/a paciente ou responsável.

Se, portanto, diferentes especialidades da área da saúde vetam, em menor ou maior grau, a circulação das imagens dos/as pacientes, como essas imagens circulam nos grupos de pacientes nas redes sociais? Nos casos em que os grupos foram criados pelos próprios profissionais, as imagens divulgadas pelas próprias pacientes são cabíveis de responsabilização? Estas foram algumas das perguntas que nos fizemos ao longo da aproximação com a legislação. A seguir, apresentamos como essas imagens circulam nos grupos.



4. “Deslocando” a proibição

Apesar dos grupos contarem com diversos tópicos de discussão, como indicação de médicos e clínicas, melhores técnicas empregadas, marcas e formato de próteses, cuidados de pós-operatório, etc., os testemunhos são, via de regra, as publicações com maior interação. São acompanhados das imagens de “antes” e “depois”, que visam “dar provas da mudança de vida e da transformação de si narradas na performance do testemunho” (Teixeira, 2016, p. 127). Entende-se “testemunho” a partir da perspectiva de Teixeira (2016), enquanto uma prática que atribui valores, que pode sinalizar a “reconstrução moral de si” e que não se limita à construção de uma narrativa e performance do indivíduo. O testemunho representa uma forma social que produz valor moral, em que se articulam três aspectos, a partir das dimensões do “ter”, “dar” e “ser”: “construção de uma narrativa, sua performance e a sustentação do seu conteúdo nas interações cotidianas” (p. 131). Nas redes sociais, a publicização das imagens enquanto “provas” dessa transformação de si parece evocar a sustentação do testemunho.

Neste contexto, o conceito de biomedicalização é central. Entende-se biomedicalização na perspectiva de Clarke et al (2010), enquanto um processo complexo, multissituado e multidirecional, através do qual a medicalização é redefinida constantemente em função de inovações biomédicas. O uso do prefixo “bio” busca enfatizar transformações que só são possíveis por conta de invenções tecnocientíficas, promovidas por elementos humanos e não-humanos (ROHDEN, 2017). Por que elencar a centralidade dos testemunhos? A literatura antropológica apresenta interessantes relações entre os testemunhos, as imagens, o *marketing* médico e o consumo de recursos biotecnológicos. Em trabalhos acerca das cirurgias estéticas, foi possível identificar isso mais diretamente. Em artigo sobre as próteses de silicone, Rohden e Silva (2020), por exemplo, apontam para a presença de depoimentos de mulheres em *sites* de clínicas de cirurgia estética, testemunhando a transformação que a cirurgia gerou em suas vidas. Estes depoimentos visavam promover “um determinado tipo de serviço médico, nos quais se misturavam a produção de uma narrativa acerca da transformação de si e a gratidão ao especialista e aos serviços que produziram a “realização de um sonho” (p. 4). Nas redes sociais, a publicização das imagens enquanto “provas” dessa transformação de si parece evocar a sustentação do testemunho: são mais válidos os discursos proferidos pelos indivíduos cujos resultados são mais exitosos. O êxito de um procedimento aparece de diversas formas, mas, no geral, é esperado que os contornos corporais evidenciem os investimentos. Nesse cenário, as transformações corporais não devem ser ocultadas, mas, ao contrário, mostradas enquanto algo



a ser valorizado por meio das imagens de “antes” e “depois” ou mesmo retratos dos corpos idealizados e tomados como padrão a ser alcançado (ROHDEN, 2021, p. 2).

Nos encaminhando para as considerações finais, gostaríamos de enfatizar novamente as continuidades identificadas dentre o conjunto dos grupos analisados, como a publicização dos relatos de consultas médicas, pós-cirúrgico e recuperação, e as imagens de “antes” e “depois” dos procedimentos. Quando postadas nos grupos, estas imagens são as publicações que geram maior engajamento, ou seja, possuem maior número de curtidas e comentários de outros/as usuários/as. Conclui-se que em todas as esferas do campo é possível observar a materialização de um padrão estético específico: classializado, racializado e generificado. Cirurgias plásticas que visam modificar os contornos corporais com maior ênfase, como as próteses de silicone, a lipoaspiração e a abdominoplastia, por exemplo, são mais visadas. Apesar de moderadores/as e dos/as profissionais se isentarem da circulação das imagens de “antes” e “depois”, os grupos parecem ser uma maneira pela qual se “desloca” a proibição, já que as postagens são realizadas pelos/as próprios/as pacientes. Este trabalho, ainda de forma inicial, explora, portanto: não só o caráter controverso do uso das imagens de “antes” e “depois”, que remetem à produção de normativas estritas e excludentes no que se refere aos padrões corporais almejados; mas também procura por em cena as instabilidades envolvidas no processo de exposição dessas imagens, especialmente nas redes sociais.

Referências

CLARKE, A. et al. (Ed.). *Biomedicalization: technoscience and transformations of health and illness in the U.S.* Durham: Duke University Press, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE BIOMEDICINA. *Resolução CFBM n° 330*. 5 de novembro de 2020. Disponível em <<https://cfbm.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/RESOLUCAO-CFBM-No-330-DE-05-DE-NOVEMBRO-DE-2020.pdf>>.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Resolução CONFEF n° 307/2015*. 09 de novembro de 2015. Disponível em <<https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/381>>.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. *Resolução CFFa n° 490*. 18 de fevereiro de 2016. Disponível em <https://www.fonoaudiologia.org.br/resolucoes/resolucoes_html/CFFa_N_490_16.htm>.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). *Resolução CFM n° 1.974/2011*. 19 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2011/1974>>.



CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. *Resolução CFN N° 599. 25 DE FEVEREIRO DE 2018* Disponível em <https://www.crn3.org.br/uploads/repositorio/2018_10_23/01.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. *Resolução CFO-196. 29 de janeiro de 2019.* Disponível em <<https://sistemas.cfo.org.br/visualizar/atos/RESOLU%C3%87%C3%83O/SEC/2019/196>>.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. *Resolução CFO-118. 11 de maio de 2012.* Disponível em <<https://sistemas.cfo.org.br/visualizar/atos/RESOLU%c3%87%c3%83O/SEC/2012/118>>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Resolução CFP N° 010/05. 21 de julho de 2005.* Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf>.

HINE, Christine. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday.* Huntingdon, Bloomsbury Publishing, 2015.

MILLER, Daniel. Social Networking Sites. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather. (Eds.) *Digital Anthropology.* London, Berg, 2012. p.146-161.

ROHDEN, F. Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. *Horizontes antropológicos*, v. 23, p. 29-60, 2017.

ROHDEN, F. Subjetividades sintéticas: apontamentos sobre transformações corporais e subjetivas via intervenções biotecnológicas. *Interface* (Botucatu), n. 25, p. e210065, 2021.

ROHDEN, F.; SILVA, J. B. da. Se não for pra causar nem quero: a visibilidade das transformações corporais e a produção de feminilidades por meio das cirurgias plásticas. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 59, p. e205914, 2021.

TEIXEIRA, C. P. Testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 36, v. 2, p. 107-134, 2016.